

28 SET 1986

JORNAL DO BRASIL

Marcos Sá Corrêa

Com a economia brasileira incubando para o fim do ano um recorde histórico de crescimento, pesquisas de opinião pública atestando todo mês a tendência altista de sua popularidade e uma campanha que não ameaça nada de novo no front eleitoral, o presidente José Sarney está vacinado contra as afecções do Plano Cruzado.

Se de um lado existem as filas da escassez ou da sonegação, a firme crosta de ágrio que cobre os preços congelados e o consenso, entre leigos e técnicos, de que já não é elegante falar de Inflação Zero em casa de pai do Cruzado, o presidente pelo menos está convencido de que 1986 não será pesado pelos brasileiros na balança dos açougues, onde falta carne, mas na do PIB. E por ela o país engordou cerca de 30 bilhões

Sarney adota a prosperidade

de dólares este ano — um número que Sarney ainda menciona com ressalvas e cautelas, mas que certamente tomará até o réveillon o lugar do zero dos índices de inflação como marca do sucesso na economia.

O Brasil e o Cruzado, segundo Sarney, enfrentam neste momento os problemas derivados de um surto agudo de prosperidade. Benditos problemas. Curá-los com remédios amargos, para manter a sanidade dos índices oficiais, pode ser socialmente injusto e politicamente desastroso. Cortaria, ainda no berço, um processo de redistribuição de riqueza que Sarney acredita ter lançado, como patamar, não só para o resto de seu mandato como para os futuros governos. "Aplicar 12% do PIB na área social", diz ele. "Daqui para frente, quem vier terá de seguir pelo menos nessa bitola." E ela corrige o modelo de desenvolvimento que erigiu a oitava economia do mundo

sobre um padrão de justiça social comparável ao do Togo.

"Isso ficou para trás", acredita Sarney. O presidente acha que os brasileiros, como mostram pesquisas de opinião feitas depois da crise de abastecimento, aderiram majoritariamente ao crescimento com melhor partilha da renda e daí vem a sustentação política do Cruzado: "A democracia, para se consolidar aqui, tem que provar que é socialmente justa."

O ponto de vista de Sarney talvez não seja a melhor teoria econômica. Mas na prática, como é ele quem manda, dá um aviso da tendência que deve prevalecer no governo, contra a crescente insistência dos técnicos da área econômica em favor de correções de rota no Cruzado, capazes de botar um freio na euforia de consumo. Se a receita tiver como efeito colateral a recessão, vai ser difícil convencer o presidente.

"Recessão não se faz mais", ele promete. "Já houve uma e deu no que deu. Eu me recusei a fazer uma recessão no princípio do governo e, na ocasião, encontrei o prato feito, inclusive com o acordo com o FMI pronto para ser assinado."

A referência à sua estreita hesitante na presidência da República deve ser proposital. Sarney não tem mais aquela aparência atônita diante dos problemas nacionais despejados sobre a sua biografia improvisadamente com a morte de Tancredo Neves — o que é mais um motivo para resistir a argumentos econômicos contrários à sua intuição política. "O abono salarial de 8% foi alto demais", ele comenta, por exemplo, citando espontaneamente uma crítica recente à administração do Cruzado, pelo Secretário do Tesouro Andréa Calabi. "Foi alta, sim, mas tínhamos que dar". Aliás, o presidente também parece descansado

em relação aos efeitos que uma divergência desse tipo possa ter sobre a imagem do Governo — pois "governo transparente" a seu ver é assim mesmo. E, sobretudo, "não há verdades iluminadas".

Quem apostar contra essas convicções corre o risco de esbarrar numa "cabeça dura" — que, por sinal, é o reconhecimento que o presidente José Sarney espera obter dos países credores do Brasil. Tem uma opinião — no caso, de que a dívida deve ser tratada politicamente — e supõe que isso acabe ficando claro. A seu favor ele conta com a certeza de que as próximas eleições estão previamente vencidas pelos partidos e as alas políticas que o apoiam, graças a fórmula do crescimento com um mínimo de distribuição equilibrada. Sarney agora se mostra tão à vontade no Palácio do Planalto quanto dentro de seu jacuetao.